



ALBUM

DAS

MENINAS

REVISTA LITTERARIA
E
EDUCATIVA
DEDICADA A'S JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE

DE

ANALIA EMILIA FRANCO



ALBUM DAS MENINAS

REVISTA LITTERARIA E EDUCATIVA DEDICADA ÀS JOVENS BRASILEIRAS

PROPRIEDADE DE ANALIA EMILIA FRANCO

PAGAMENTO POR SEMESTRE	PREÇO DA ASSIGNATURA, 5\$000 POR SEMESTRE	N.º M. AVU' SO Rs. 1\$000
---------------------------	---	------------------------------

UMA ASSOCIAÇÃO UTILÍSSIMA

Uma amiga, que é hoje um dos bellos ornamentos da sociedade paulista, não só pela elevação do seu nivel intellectual, fora do commum das pessoas do nosso sexo, como muito mais ainda pelas acrizoladas virtudes de que tem dado admiraveis exemplos, convidou-me para assistir á assembléa geral das Damas da Caridade, realisada no salão de honra do Palacio Episcopal a 24 de Julho findo. Accedendo penhorada ao seu delicado convite, tive o prazer de achar-me presente a essa selecta reunião, que deixou-me as mais gratas impressões, as quaes pallidamente vou tentar esboçar. Occupava a cadeira de honra o Exm. e Revm. Snr. Vigario Capitular, achando-se presentes alguns illustres sacerdotes e mais auxiliares das Conferencias da cidade, bem como muitas das distinctas familias paulistas. Com uma succinta e eloquente allocução o Revm. Monsenhor C. Pas-salacqua saudou pela Associação ao Exm. Vigario Capitular, discorrendo em seguida sobre a piedosa sollicitude e effusiva caridade com que aquella sympathica Associação tem estendido a sua mão bemsfajada a tantos necessitados e orphãos desvalidos, chamando principalmente a attenção da assembléa para a fundação de um asylo que ampare os meninos indigentes abandonados á vagabundagem.

Nas suas palavras ungidas d'essa caridade evangelica que faz irmãos a todos e da humanidade uma só familia, transpareciam nitidamente a nobreza dos sentimentos que mais podem enaltecer e sublimar um coração humano:—o amor de Deus e a acrisolada paixão pelos desherdados da sorte.

Commoedora e eloquente tambem foi a allocução pronunciada pelo Exm. Vigario Capitular, tornando bem patente o benefico influxo d'essa religião sublime, que transfundindo ao mundo tudo que engrandece, nobilita e santifica o homem, tem desentranhado das cordas mais melodiosas do coração assombrosos prodigios de caridade. E, effectivamente a caridade, essa dilecta filha do christianismo, tem sido sempre a inalteravel inspiradora de tudo que é sublime nas relações que prendem o homem com o seu semelhante e a humanidade com o seu Creator. Continuando a salientar a missão civilisadora do christianismo, que tem mantido sempre acima do interesse dos individuos, e do egoismo das nações o principio da humanidade, fallou sobre a elevação da mulher que pelo influxo d'essa religião benefica, tornou-se livre e igual ao homem constituindo com elle o quadro sorridente da familia, como filha, como esposa e como mãe, vindo a estrear um papel grandioso na scena universal, como cooperadora da religião christã, e como o primeiro elemento de moralidade na familia e de civilisação na sociedade. Ao concluir ainda percorreu largamente sobre as ultimas discussões do Congresso Nacional, em relação á lei do divoreio, chamando a attenção da assembléa para esse assumpto, que é realmente digno de ser ponderado por todos aquelles que se occupam das questões sociaes....

Em seguida foram distribuidos ás pessoas presentes, os relatorios impressos das conferencias de S. Vicente de Paula. Da sua leitura se depreheende as ennumeradas vantagens d'essa caridosa associação, cuja abençoada existencia traslada um mar de beneficios, provando mais d'uma vez; que por toda a parte onde refulge o christianismo a caridade se ostenta

com todos os arrojos sublimes de quasi incrível sacrificio, de abnegação, de fraternidade e de magnificencia humilde. E' ampla pois a missão d'esta santa milicia, esforçada pelo exemplo do heroe da caridade, S. Vicente de Paula, em cujo nome se filia, e pelo salutar impulso de seu preclaro Director o Revm. Monsenhor Camillo Passalacqua.

Os melhores relevos de sua existencia, os maiores e melhores florões de sua gloria resumem-se no bem que fazem. Em toda a parte onde a miseria ergue o seu vulto esfarrapado e sombrio, n'esses albergues tristes, n'esses tugurios esquecidos onde o indigente prostrado nos braços da doença se lamenta e chora, cil-as, as nobres Damas da Caridade escutando-o nos gritos da sua dôr consolando-o com os ultimos confortos da religião e á cuja bocca suas mãos piedosas chegam o remedio, ou talvez o crucifixo na hora derradeira!.....

Porem, ainda não para ali a sua incançavel caridade: vão apoz as creancinhas, essas innocentes creaturinhas a quem Jesus-Christo tanto recommendou á ternura e compaixão dos poderosos, acolhê-as, ampara-as e educa-as.

Tudo isto crystaliza, tudo isto enthesoura em si a nobilissima Associação das Damas da Caridade....

Comprehendendo que é preciso fazer sempre o bem e fazel-o cada vez mais perfeitamente, procuram alargar o ambito do seu doce ideal, vencendo a enorme desproporção que ainda existe entre as condições dos seus recursos, e o numero avultadissimo dos que imploram protecção, e para isso appellam para outras almas bemfazejas que voluntariamente devem vir em seu auxilio. E, seria muito para desejar-se que o espirito da caridade que lançou na terra paulista pela iniciativa de senhoras distinctas a semente do bem, desenvolva cada vez mais no coração popular a casta e caridosissima paixão das offertas generosas, que constituem toda a esperanza da miseria nas suas horas tristes de inconsolado desalento.

Temos fé, que essa utilissima associação se distenda sempre, como uma seara benefica, produzindo os mais fe-

cundissimos fructos. Assim continuæ pois, ó almas christianissimas, sempre abertas á commiseração, sempre consoladoras do infortunio, a espargir sobre as dores dos desventurados, o balsamo dos vossos corações, o benevoloso consolo d'essas horas de agonia; e séde sempre o carinhoso abrigo do orphão desamparado.

Com toda a effusiva convicção de minha fé, creio que Deus jamais desviará os seus alentos d'esta empreza benéfica, e que hade conceder por certo as suas mais escolhidas bençãos aos magnanimos bemfeitores que vitalizarem com as dadas da sua generosidade, a arvore bemdita da humanitaria Associação das Damas da Caridade.

S. Paulo 20 de Agosto de 1898.

ANALIA FRANCO.

O DIVORCIO

O divorcio foi a lei das sociedades antigas, e, como resultado a mulher não passou de escrava moral do homem. E' a indissolubilidade do casamento que ennobrece a mulher, porque a mulher é o centro fundamental da familia e com o divorcio a familia desaparece. Imaginaes que a primavera do amor florirá sempre, e que o encanto de variedade poderá resistir ao caminhar dos annos? O triste desengano vos ensinará quando tiverdes transposto a meta da esperanza. Se quereis obter do mundo o mais que elle vos póde dar, sustentae a indissolubilidade, porque só n'ella encontræis os elementos domesticos de felicidade, tranquilla e duravel. Toda a familia, desde a mais elevada até á mais humilde, tem a sua tradição e a sua historia.

Cada acontecimento no interior do lar vae escrevendo uma pagina; cada acontecimento é um capitulo d'essa historia intima. O nascimento de cada filho, o crescer, as doencas, as noites de véla, a alegria por aquelles que saram, a

saudade dos que se perdem, os estudos, as lições, os premios, a melhoria da sorte do esposo, a brilhante estreia da carreira dos filhos, as horas melancolicas que se desvaneceram com um mutuo sorriso, o pão negro das epochas nefastas, o alvo pão dos dias alegres, n'uma palavra a serie de todas estas peripecias cria nos esposos uma historia do coração, convertendo o fogo do primeiro amor n'um sentimento especial, cadeia de rosas em que a permanencia do matrimonio tem de entrar como elemento indispensavel.

Ora a historia que descrevo, de cada familia deixaria de existir desde o momento em que o divorcio fosse instituido. Se rompeis a unidade do matrimonio conseguireis por algum tempo, a variedade, não o nego. Sereis por vezes a heroina de romances. A vossa imaginação terá momentos de agradavel phantasia, mas a illusão passará breve, e custar-vos-há a felicidade.

Podereis contar os maridos pelos annos, como relatava o estoico ; porem sabeis o que será então o matrimonio ? Será o concubinato legal, e desde esse tempo ficaes perdida, porque vos tornastes inferior ao homem, não o podendo dominar pela intelligencia, porque se oppõe a vossa imaginação nervosa, nem pela força, porque obsta a vossa constituição delicada.

A vossa influencia é propria, nasce-vos do rubor da innocencia, da graça do espirito, da virtude no lar. Possuis o grande valor da estimação. Se passaes de mão em mão, murchareis antes de tempo, sem por fim achardes peito que vos recolha. Guardae o vosso poder moral, que é todo o vosso thesouro.

Não vos illudaes. Conservae-vos recolhida na supposta estreitesa de vossa roda, d'onde a sorrir governaes o mundo sem elle o perceber. O ar das tempestades matar-vos-ia como ás mimosas flores dos tropicos, que precisam de palacios de crystal para se expandirem. Deixae-vos estar inviolaveis e superiores ao nosso trafego politico. Sobre duas forças gyra o mundo moral; nós somos a razão da humanidade; vós mulheres sois o coração d'ella. Não descaes aos

nossos combates, não pretendaes descobrir o enigma das nossas sciencias. A esculptura representa o homem no monstruoso. Hercules Farnesio. Os nossos musculos são como de ferro.

Luctamos contra o mar, contra o fogo, contra os astros contra o impossivel e quando não temos contra quem luctar luctamos como tigres uns contra os outros.

A lucta incessante faz de ferro o nosso raciocinio, de ferro o nosso braço. Somos muitas vezes vingativos e invejosos, somos apaixonados e injustos; mas como luz de todas essas trevas, como complemento de todo este ser, carecemos de vós para nos dardes o vosso puro amor, porto de abrigo para as nossas tempestades. Se sahis de vossa esphera, que será do equilibrio moral da natureza humana? Por ventura vos dirão que o progresso letra viva para o homem, não póde ficar sendo letra morta para a mulher, perdendo o seu elemento mais sympathico. Não perderá. Em vós se realisará tambem o progresso que é a lei da humanidade.

Abri-se-vos-ha horisontes cada vez mais vastos. O progresso reclama a educação universal, e pede costumes novos. Vós sereis, pela natureza da vossa condição e dos vossos sentimentos, a realisadora do grande principio de educação do genero humano, tanto na familia como nas escolas de ambos os sexos; a influencia elevada do mundo que se regenera. Estarão porem os factos a par da instituição que reformou a mulher? Responde tristemente a falta de escolas sufficientes para a educação feminina, para o ensino profissional, e, como resultado, a miseria que produz uma desproporcional prostituição; quadro fatal de paizes onde parece que não ha nada serio de que tratar, quando a revolução dos grandes principios cae paralyzada perante os estereis combates dos interesses de bandos.

A. COSTA.

DIZEM

Dizem alguns que a ventura
Foi bem mesquinha p'ra mim ;
Que me appar'ceu entre nuvens
E de bem longe, inda assim !

Que a minh'alma era de fogo
Para os bens que não fruiu ;
E á falta de combustivel
A cinzas se reduziu !

Que a minha vida é escura
Como a noite sem luar !
Mas dizem os que não sabem
Os que fallam por fallar.

Ninguem me escuta um queixume,
Ninguem um pranto me vio ;
Que o meu viver é risonho
Como uma aurora de estio !

Porque me illumina tanto
Como não pensa ninguem,
Um raio da luz do Ceu
Nos olhos de minha Mãe !

JULIA DE GUSMÃO.

A INICIATIVA

(VERSÃO)

A iniciativa é sem duvida filha da intelligencia. Como esta, requer ser cuidadosamente desenvolvida.

Entretanto a esse respeito, nas nossas educações, cahimos muitas vezes em culpaveis excessos ; ora sob pretexto de dar á menina, decisão de character, os paes animam a desenvoltura, a impertinencia e o sentimento d'uma independencia que vae até ao descomedimento, ora vê-se pelo contrario a iniciativa completamente supprimida e a creança quasi reduzida á imbecilidade.

Julga-se formar o character d'um menino concedendo-lhe plena liberdade em tudo, esquecendo-se quanto elle tem necessidade de ser guiado, e por isso jamais conseguem o fim almejado.

Uma creança assim habituada, torna-se indisciplinada e voluntariosa, sem comtudo possuir um character firme e decisivo. Assim pois, o character deve ser formado e dirigido mas nunca abandonado a si mesmo. Os diques que se lhe possam oppor de modo nenhum diminuirão a iniciativa e a firmeza.

Infelizmente ha paes tão asperos e auctoritarios que paralysam completamente o character dos filhos, detendo-lhes todos os esforços e apagando-lhes todo o enthusiasmo.

Isto é sem duvida uma desgraça para a creança, mas não sendo a apathia natural, logó que cesse a pressão a intelligencia se manifestará instinctivamente.

Não se deve pois confundir a iniciativa com a independencia e desenvoltura. Conheço uma mãe que conserva sua filha na mais completa ignorancia das cousas da vida, sob o pretextó de lhe não dar o gosto da independencia tendo-lhe dictado uma regra de conducta da qual ella não se deve afastar. Ora qual será a regra que possa ser seguida sem excepção? Não ha nada absoluto no mundo. Por exemplo; Não se deve dizer: «Sob nenhum pretextó não farás isto ou aquillo!» Porque pode se apresentar uma circumstancia imperiosa que obrigue a infligir esta regra. Alem disso a iniciativa não deve ser inspirada pelo orgulho, mas sim por uma certa confiança em si mesma, que entretanto não offende á modestia de quem quer que seja.

Não é a confiança em talentos que julga ter, mas a fe em sua perseverança e nos estudos que tem feito. Quantas jovens senhoras conheço, dotadas de muito boa vontade, as quaes persuadidas de que são incapazes de emprenderem por si mesmas, qualquer cousa, nem sequer dão-se ao trabalho de experimentarem. Não porque lhes falte a idéa, a actividade e o ingenho. São intelligentes visto que raciocinam sobre todas as questões da vida, mas nada sabem

fazer por si mesmas ; não ousam hezitam se devem ou não ; e por isso é que não aspiram o saber, e nem desejam serem uteis. Citaremos um exemplo bem frizante que se vê a cada passo em muitas casas de familia : um dos seus membros acontece ficar repentinamente indisposto o primeiro pensamento de todos é mandar chamar um medico, não o encontram, esperam-n'o com impaciencia, e ninguem sabe o que se ha de fazer emquanto este não vem. Quando porem afinal o medico chega, e prescreve apenas, pannos aquecidos aos pés do doente, ou uma cataplasma ainda se veem embaraçadas na execução d'este pequeno trabalho, visto que os criados já se retiraram, e não estão habitua-das a fazerem nada sem o seu auxilio.

A' vista d'este exemplo e outros muitos que poderia-mos citar, crêmos que nunca será bastante acostumar-se as crianças, e sobre tudo os adolescentes, a saberem se haver como se diz em linguagem vulgar ; a servirem-se sempre dos seus dez dedos em tempo opportuno, utilizando a sua capacidade, segundo as circumstancias e as occasiões.

ANALIA FRANCO.

INICIATIVA DAS ASSOCIAÇÕES GERAES

CRÉCHES

(CONCLUSÃO)

Em Villar inaugurou-se a primeira crèche em 1877. E que sympathico titulo não tem *Crèche do Bom Pastor!* Instituiu-a a sr.^a D. Alice Hulsenhos, e é auxiliada por subscripções annuaes e donativos de senhoras estrangeiras. Recebe creanças de um mez até cinco annos.

Por cada creança paga a familia 20 r.^s diarios. A crèche dá tres refeições gratuitas, e tem uma escola infantil (instrucção primaria, coser e fazer meias) para as que já podem ir aprendendo e, n'este caso, com o subsidio de 60 r.^s.

semanaes dado pelas familias. No anno seguinte (1878) fundou tambem a mesma sr.^a D. Alice a *Sociedade da Abelha*, composta de dezoito senhoras. Reunem-se duas vezes por mez, costurando, bordando, sendo o producto das obras para os pobres. Durante o trabalho uma das senhoras lê em voz alta livros de instrucção e de moralidade.

Bemfazeja até com os seres inferiores, que tanto pro-veito são ao mundo e a quem o mundo paga atormentando-os, que o diga tambem no Porto a Sociedade protectora dos animaes, iniciada igualmente pela sr.^a D. Alice, que em sessão plena recebeu um voto unanime de louvor e foi eleita para formar parte da direcção. Espirito sympathico, toda caridade, ralhe com as suas instituições chocalheiras, se ellas não deixam ler no seu coração uma pagina formosa, e transparecer das suas obras uma lição exemplar.

Em Lisboa fundou-se a Associação das crèches em 1875. Abriu a primeira a 2 de Fevereiro de 1876 no Campo Grande, fechando-a pouco depois. Tem actualmente duas, a de Santa Maria ná travessa do Pé de Ferro, inaugurada a 16. de Outubro de 1897 e a de Victor Manoel, estrejada no dia 1 de Dezembro de 1878 n'um edificio mandado construir expressamente pela rainha a senhora D. Maria Pia, que o doou á associação. Em ambas paga cada familia nos dias de crèches 20 r.^s por creança, e 30 r.^s por duas. Vae fundar a terceira na horta do convento da Estrella. No bairro oriental a Associação promotora das crèches iniciada em 1876 pelo sr. José Gregorio da Rosa Araujo, abriu a primeira (intitulada de Santa Eulalia) no dia 5 de Novembro d'aquelle anno com solemnidade pomposa. Conta mais de 500 associados de ambos os sexos.

Dois annos decorreram, e a 24 de Novembro de 1878 era instituida no bairro occidental a crèche da Conceição, pela sr.^a D. Capitolina da Silveira Vianna, que a sua custa dotou o estabelecimento com toda a mobilia, roupas, e mais utensilios necessarios. Recolhe creanças de ambos os sexos até á idade de tres annos. Organizou-se no principio uma associação completa de um numero diminuto de socios, até

quê a benemerita fundadora tomou a seu cargo exclusivo a administração, satisfazendo também quasi toda a despeza annual. Inexcedível tem sido a sr.^a D. Capitolina no zelo e no carinho maternal em favor das creancinhas, que ali recebem agasalho, sustento e mesmo os principios de educação physica. Ultimamente entregou o instituto e todos os seus pertences á associação das crèches, acrescentando ao legado de seu marido uma doação propria, e deixando assim garantida a sua crèche com um capital permanente. Se das associações passamos á iniciativa individual, vemos o dr. José Maria d'Abreu, a quem a instrucção publica deve tantos serviços, legar ao asylo da infancia desvalida de Coimbra 12:000\$000 rs. com a obrigação de ali sustentar uma crèche para creanças de dous a seis annos.

Em Socavem fundou em 1876 a crèche da senhora da Victoria, sustenta-a o sr. José Augusto Braamcamp. Ministra-se ás criancinhas sustento e vestuario, os doentes são tratados nos domicilios dos paes por um medico especialista.

O caritativo fundador tem a crèche dentro do seu proprio palacio, onde também abriu uma escola primaria para as mesmas creanças desde que podem ir principiando e aprender. A regente, a ajudante e uma professora dirigem estas escolinhas infantis de um e outro sexo.

Não contente ainda com isto aquelle espirito elevado e bom fundou também junto á crèche e á escola infantil uma escola nocturna para os operarios da localidade, mandando vir expressamente de Paris um gabinete de physica, Podem receber o ensino de instrucção primaria, desenho arithmetica, physica, e chimica.

Ha para a educação physica, alem de outras condições hygienicas, um jardim e banhos em casa apropriada. D'este modo estabeleceu gradualmente o abrigo, a protecção, o soccorro, a crèche, o ensino infantil para as creanças, o ensino nocturno para os adultos. Pelas idéas, e pela forma, um primor!

Na fabrica das sedas (rua de Escola Polytechnica) iniciou em 1877 uma crèche o seu proprietario, sr. Daniel

Cordeiro, para as creanças dos que ali trabalham; no mesmo intuito é a crèche na fabrica de fiação da companhia de Xabregas; e na Regua tambem existe uma, devida á sr.^ª D. Antonia Adelaide Ferreira. Oxalá porem que na fundação das crèches futuras se haja de ir a mais do que ao abrigo, como acontece na do Bom Pastor, do Porto, e na do sr. Braamcamp em Sacavem.

Uma vez que as creanças se conservam nas crèches até os 4 e 5 annos, poderão ter os elementos da educação physica, banhos frios, passeios, primeiros exercicios gymnasticos, brinquedos, mirando intuitivamente a uma preparação instructiva os modernos lineamentos de instrucção primaria, n'uma palavra, os principios do jardim da infancia

D. ANTONIO COSTA.

*
* *

A mulher que levou annos e annos de sua vida a adquirir conhecimentos inuteis está porventura armada para resistir ás tentações, ás adversidades, ás miserias, aos combates da vida? Imagine-se em contraposição a esta falsa cultura que constitue o que os burguezes embevecidos em comico enthusiasmo chamam uma *educação muito fina*, imagine-se que as mães, juntando-se n'uma piedosa cruzada, conseguiam crear uma instituição moderna, onde suas filhas recebessem a educação que hoje lhes poderia servir, para se tornarem uteis na sociedade e na familia. Quantas vezes não tenho eu acariciado em sonhos a idéa d'essa escola-modelo, onde a creança aprendesse a ser mulher, onde a mulher aprendesse a ser mãe! onde uma direcção harmonica e intelligente presidisse ao desenvolvimento do espirito e ao desenvolvimento não menos sagrado do corpo; onde a moral caminhasse a par da sciencia, onde a primeira noção que o entendimento feminino recebesse fosse esta: «Todo o trabalho nobilita e exalta a quem o executa com a consciencia de cumprir um dever!»

MARIA AMALIA.

O PEIXE

Porque foi que eu não nasci
um peixinho d'agua doce ?
talvez que a minha existencia
bem mais feliz então fosse !

Trajando vistosas cores
viveria descansado
n'algum aquario luxuoso,
com mil cuidados tratado,

Sem temer anzol, nem rede
que podia eu receiar ?

Só se algum gato manhoso
intentasse ir-me pescar !

Stá o p'rigo em toda a parte
nunca ninguem lhe escapou
por tentar mudar-se o tempo
do logar em que se achou !

Afinal anzol ou rede,
é menos cruel, talvez,
do que ser espatifado
pelo gatinho maltez !

J. G.

Uma das cousas que ultimamente mais tem preocupado o espirito dos bons educadores é o exagero de cultura intellectual a que se obriga o cerebro das creanças d'este tempo.

Para as mães é deveras terrivel este pensamento. Os nossos filhos são condemnados a um tal excesso de trabalho e de estudo, que em vez de se desenvolverem atrophiam-se, em vez de se instruirem degeneram-se em cretinos.

MARIA AMALIA.

O ENSINO PUBLICO

Reconheçamos que nada é mais descurado que a educação da mulher e procuremos quanto antes melhorá-la no sentido que proponho, isto é, no sentido de a fazermos mãe de familia.

A verdadeira mãe de familia é assim descripta por Aimé Martin. «As mulheres não serão mães enquanto não souberem trabalhar pelo desenvolvimento da alma de seus filhos. Sua missão na terra não é procrear um bipede intelligente.

O que o mundo lhes pede é um homem completo, um homem cujas paixões participem do bello e do infinito, e que saiba escolher sua companheira, inspirar o bem a seus filhos e se for preciso morrer pela virtude.

Ha pois, para a mulher um duplo dever, como ha para o homem um duplo nascimento. Nascer para a vida é apenas nascer para o prazer ou para a dôr. O nascer para o amor de Deus e dos homens é que constitue o verdadeiro nascimento, e esse nascimento nossa mãe nol-o deve, se ella quer gozar outra felicidade que a de nos vêr respirar e digerir, isto é a felicidade que Shakspeare exprime tão bem quando faz dizer á mãe de Coriolano.

« Eu experimentei menos alegria pelo seu nascimento do que pela primeira acção de homem que o vi practicar ».

Conseguido isso sua obra será naturalmente principiada e acabada.

Cada casa será uma escola, cada mulher uma professora, cada phase do seu aperfeiçoamento um como avatar dos nossos progressos.

Ellas, que até agora só pelo seio tem servido a sociedade, passarão a lhe servir tambem pelo espirito.

Como incubam em suas entranhas as gerações que hão de vir, trarão em seu espirito os destinos d'essas gerações. Quero dizer a primeira geração em que brotar o germen transmittirá o fructo ás suas successoras, e estas por sua

vez cuidarão em desenvolvê-lo. Então a instrução e o amor se tornarão geraes, e a sociedade brasileira se livrará da maior parte dos seus soffrimentos. Então o homem com-penetrado da sublimidade da sua origem, ha de propor-se ao bem á vista da eternidade da sua vida. Sempre desejoso de achar o verdadeiro caminho; depois de achal-o, marcará de distancia em distancia os pontos por onde os seus successores devem passar.

Sua vida não se escoará mais entre o egoismo e a indifferença, mas sem excluir os fins individuaes, que cada um deve propor-se, visará sempre o fim geral de toda a sociedade. Este bem hoje não temos.

Nossa vida é a dos povos sem historia que não deixam signaes de sua existencia. Na mocidade vivemos sem saber como, sem termos tempo para nenhum exame. O passado não existe, e o presente parece ser o futuro, mas não é senão uma miragem, que a cada instante varia com os caprichos da imaginação. Na idade madura temos um passado, é certo, mas elle ja tarde mostra os escolhos da nossa ruina. Alem de que o vago do presente nos absorve e este é apressado pelas impaciencias da ambição.

Velhos, nos debruçamos á fria janella do presente e nada achamos no passado. Então o futuro o que é?

Nem um desejo, nem uma aspiração, nem uma certeza tranquillizadora, mas uma longinqua esperança.

E assim morremos sem termos vivido por não termos quem nos indique no passado os pontos que devemos attingir no presente e no futuro.

Paes de familia, ainda uma vez invoco os vossos piedosos sentimentos.

Nenhuma destas desgraças é inevitavel; mas só de vos isso depende. Sede mais amigos dos vossos descendentes do que tendes sido até hoje. Nas vossas condições elles vos imitarão, e cada um de vós terá preparado gerações felizes, que perpetuarão a vossa lembrança, e com ella o culto da vossa sabedoria.

DR. ALMEIDA D'OLIVEIRA.

O FIM DO MUNDO

Como todos sabem, o mundo é uma bola que rebola pelo espaço. O espaço é uma cousa que não é cousa nenhuma.

Ha outras muitas bolas no espaço que tambem rebolam. Ora toda esta bolada, que vem a ser o universo, anda n'uma roda sempre a gyrrar, ha mais de seis mil annos e ainda não parou nem pára, porque ha duas forças chamadas centripeta e centrifuga que empurram a historia e fazem andar a camara optica. Estas forças são os tacos do immenso bilhar universal. O mundo tem sempre rebolado regularmente e gyrrado ás mil maravilhas sobre o seu eixo, o qual é de tão fina tempera, que ainda se não enferrujou: acontece, porem, que, ha uns tempos a esta parte, teem alguns astrologos notado sua differença no andamento geral da cousa. Alguns sabios japonezes observaram que o sol, na India, ja não nasce á meia noite, como antigamente; os quartos da lua crescem antes do tempo; as luas cheias apparecem a tal ponto cheias e enfunadas, que mais parecem luas inchadas; foi visto ultimamente na China um cometa inteiramente derrabado e careca, julgando-se que o pobre astro passou tão perto do sol que queimou cauda e cabelleira.

Ora todos estes phenomenos denotam que ha desorganisação na charola universal, que as bolas não andam boas e que o mundo anda torto.

Um erudito lunatico allemão, o sr. Niconeduas Nozoni, attribue esta desorganisação ao progresso, e sustenta que a terra não pode gyrrar regularmente nos eixos por haver disequilibrio no seu peso!

A Europa, com os seus grandes desenvolvimentos materiaes, taes como, caminhos de ferro, pontes de ferro, caçarolas de ferro, casas de ferro, camas de ferro, moinhos de ferro, pennas de ferro, navios de ferro, pilulas de ferro etc. etc., pesa consideravelmente mais, que as outras partes do mun-

do, e por consequencia ha .desequilibrio no rebolar do mesmo mundo e o systema plenatario está ameaçado de uma grande crise. Deste judicioso raciocinio tira o illustre sabio os seguintes illações: A civilisação ha de dar com o universo em vasa-barris. A terra perderá dentro ém pouco o centro da gravidade e irá quebrar os narizes de encontro ao sol; A lua entalar-se-ha no annel do Saturno, e o planeta Marte cahirá em cima do planeta Venus, fasendo-lhe irreparaveis avarias. Finalmente haverá mosquitos por cordas no setimo céo, e andará tudo n'uma poeira na via-lactea. E' de esperar porem, que com a entrada das aguas do mar vermelho no Mediterraneo, com a abertura dos isthmos de Suez e Panamá, se restabeleça o equilibrio europeu e voltem as bolas celestes aos seus respectivos eixos. Portanto o mundo não acabará ainda d'esta vez!

C. MARIANO FROES.

UMA VIDA MODELO

III

A sua perfeição e graças realçadas pelo véo divino d'uma modestia sublime admiraram e encantaram não só a S. José como a todos que a viram. Approvada a escolha entre ambos, foi designado o dia dos esponsaes, justamente quando ella completava os 15 annos, a oito de Setembro. Em seguida banhada em lagrimas de saudade e reconhecimento despidiu-se das suas mestras e collegas retirando-se com seu esposo para Nazareth sua patria, onde foram muito visitados e cortejados pelos seus parentes e amigos. Concluidas as festas e visitas, os santos esposos trataram do governo economico de sua casa, repartindo parte dos seus bens com os pobres, e como S. José tivesse aprendido o officio de carpinteiro, continuou a exercel-o, não só para não viver ocioso, como para ter mais que dar aos necessi-

tados. Maria Santissima que conformava-se em tudo com as determinações de S. José, se occupava do governo da casa fazendo a vida d'aquella mulher forte descripta nos Proverbios.

Os santos esposos observando o voto de castidade jurada antes das nupcias, viviam em paz, dando aos seus parentes e conhecidos o mais edificante exemplo d'uma existencia toda consagrada ao amor de Deus e á pratica da caridade para com os pobres e desventurados.

IV

Era á hora em que o sol sumindo-se por entre as bellas linhás do Carmelo, dourava com os seus ultimos raios os cimos das arvores brandamente agitadas ao sopro d'uma viração tepida e embalsamada, enquanto os passarinhos trinavam as suas mais suaves melodias. Descançando dos afazeres do dia Maria de Nazareth, n'essa hora de inexprimivel saudade e melancolia em que a luz e as trevas se encontram e parecem um momento indecisas, alongava o seu olhar contemplativo e doce para o duplo cume de Magedo até ás bellas montanhas do paiz de Sichein, a confundirem os seus asulados cumes com o firmamento, e scismava com o corpo entregue a essa mecia somnolencia que todavia deixa á alma o cuidado de velar e de devagar ao acaso arrebataada pelos espaços de uma terna e profunda meditação.

(Continúa)

A. FRANÇO.

A FILHA ADOPTIVA

Cherubina nas horas que lhe restavam dos seus trabalhos diurnos, tomava um livro escolhido por sua jovem mestra, e ia nas bellas tardes estivaes sentar-se no extremo do prado junto ao ribeiro crystalino, onde lia, ouvindo com

delicias o murmúrio das aguas que desciam, d'uma casca-tinha e se confundiam com o canto dos passarinhos e o sussurrar das folhas brandamente agitadas pelo vento. Quando Cherubina attingiu a sua decima terceira primavera, João que já se achava assáz velho e enfermo, falleceu suavemente nos braços de sua esposa, rodeado de sua familia que de joelhos ao pé de seu leito implorava a Deus o eterno descanso á sua alma virtuosa. Eudoxia não pôde resistir á perda do seu caro esposo, e poucos mezes depois o seguiu.

Por espaço de longos dias ficou aquella alegre vivenda transformada n'um recinto de lucto e de dor.

Anesia dotada d'uma constituição assáz delicada e impressionavel, sentiu mais profundamente os golpes que recebera, e desde então perdeu todo o vigor de sua mocidade, tornando-se pallida triste e doentia.

Cherubina parecia qual o anjo da paz e do conforto, empregando os seus esforços, em consolar a todos, especialmente a sua cara mãe adoptiva.

Um casal de escravos que tinham visto nascer Anezia, cultivavam as terras, ao passo que a parda Marianna e seu marido Roque serviam em casa, e só quando os serviços das plantações eram mais pesados iam então ajudar os outros escravos.

Todos trabalhavam sem o minimo constrangimento, e a bondade com que eram tratados por seus senhores, os faziam considerar como seus amigos. E por isso apezar da morte d'estes, vendo-se quasi livres, nem por isso prevaleceram-se d'essa liberdade, antes pelo contrario julgaram-se mais obrigados ao dever de não abandonar jamais aquella jóvem a quem amavam como filha, e a quem deviam protecção e auxilio em quanto vissem.

Anezia que tinha completado 33 annos e que regeitara alguns bons casamentos allegando a sua falta de saude, dedicara-se exclusivamente á educação de sua pupilla. E esta a compensava amplamente progredindo sempre no amavel complexo das bellas virtudes que lhe tinham sabido

inspirar. No cemiterio da villa do Paraizo existiam quatro lapides singelas todas circuladas de perpetuas, madre-silvas e roseiras, cuidadosamente tratadas por mãos amigas. As flores brandamenté agitadas pela brisa que alli sopra de continuo, cahiam desfolhadas sobre a terra sagrada onde repousavam as cinzas, dos entes queridos, e esparziam em torno suavissimos perfumes. Eram essas lapides, assignaladas por simples inscripções, com os nomes de Gustavo, João, Eudoxia e a mãe de Cherubina.

Todas as vezes que alli iam a piedosa Cherubina entrelaçava cuidadosamente; com as mais bellas flores, 4 corôas, que depunha respeitosa sobre essas sepulturas, pedindo com fervor a Deus o eterno descanso dos entes queridos, cuja lembrança conservava bem gravada na sua mente. Anezia que sempre a acompanhava em todos estes piedosos exercicios, comprazia-se em vêr estas demonstrações affectuosas da menina por aquelles que repousavam no seu eterno somno.

Abraçava-a com os olhos humidos de pranto, e ambas ajoelhadas, oravam e regavam com as suas lagrimas a terra sagrada para ellas. Cherubina não conhecera o velho Gustavo e nem sua mãe; mas tudo quanto Anezia lhe tinha dito relativamente a elles, tinha sido assáz sufficiente para que ella os amasse de todo o seu coração.

Muitas vezes aos domingos, quando regressavam da villa do Paraizo, já á tardinha, Anezia accendia uma vela sentava-se junto á velha meza da sala de jantar e lia em voz alta a biblia, rodeada de toda a sua familia.

Nas noites invernosas, essa leitura se prolongava mais, interrompendo-se por vezes, para explicar os trechos menos claros, ou fazer commentarios sobre os pontos que lhes interessava. Cherubina sentada a seu lado a escutava attentamente, tendo nas mãos algum pequeno trabalho que destinava aos seus pobres, emquanto que os quatro escravos sentados a um canto da sala, onde accendiam uma pequena fogueira de gravetos, debulhavam o milho para a ração das aves e outras creações, no dia seguinte.

Quando por fim a leitura a fatigava fechava, o livro e começava a ouvir as observações de Cherubina, e dos velhos escravos sobre os factos que mais lhes tinham commovido.

Depois todos os quatro conversavam sobre a felicidade de alem tumulo e sobre as virtudes d'aquelles que lhes eram mais carós, e sentiam lagrimas saudosas lhes deslisar, dos olhos á evocação d'essa lembrança.

Os escravos que quasi tanto como Anezia tinham amado Gustavo e seus amos, não podiam ouvir fallar d'elles sem que o pranto lhes inundasse as faces, e parando o serviço, com as costas das callosas mãos enxugavam as lagrimas, permanecendo largo tempo em silencio como que abysmados nas amarguras das suas saudades.

Finalmente todos juntos faziam as suas orações da noite, e mais consolados com o balsamo suavissimo da religião que lhes dulcificava as lagrimas, retiravam-se para os seus aposentos onde dormião tranquillamente, sonhando com os anjos e os seus queridos mortos.

A fama das santas virtudes d'essa boa gente, se espalhara por toda a visinhança, e por isso Jorge de Oliveira rico fazendeiro que residia n'uma vasta propriedade a poucas milhas d'alli, resolveu a vir com sua familia visitar as senhoras do *Laranjal*, tal era o nome do sitiosinho que Gustavo legara a Anezia Etelvina, que assim se chamava a mulher de Jorge, tinha dous filhos Agenor e Aurea, quasi da mesma idade de Cherubina, ambos eram gemeos. Jorge e sua mulher ficaram agradavelmente surprehendidos ao verem a belleza e accio d'essa modesta vivenda, e sobre tudo pela affabilidade dos seus habitantes.

Agenor e Aurea sympathisaram-se logo com Cherubina e riam-se perdidamente ao ouvirem a linguagem de Roque e as engraçadas historias de Marianna. Foi desde esse tempo que essas duas familias se ligaram pelos vinculos da mais intima amisade.

Jorge e Etelvina eram excellentes pessoas, e, ainda que um pouco orgulhosas da sua grande fortuna, não podiam

deixar de reconhecer as bellas virtudes que distinguíam as suas visinhas, e por isso, tinham para com ellas todas as atenções delicadas, julgando-se felizes em cultivarem a sua amisade, mormente vendo o gosto com que seus filhos diariamente frequentavam a casa de Anezia. Entretanto Anezia e Cherubina raras vezes iam á fazenda de Jorge, salvo nas occasiões em que alli se davam os preparativos d'alguma festa, porque então era Anezia encarregada de fazer os doces.

A amisade que de dia em dia se estreitava entre as duas familias, parecia redobrar de intensidade entre Agenor, Aurea e Cherubina. Já não podiam passar um só dia sem verem. Alegres e descuidosos percorriam todas as vastas alamedas de laranjeiras, trepavam sobre as collinas e sorriam com delicias as gottas crystalinas que a chuva ou o orvalho deixavam escondidas no concavo das largas folhas de caheitê.

Fatigados das suas longas excursões sentavam-se silenciosos junto á Anezia, de quem escutavam com religiosa attenção os seus salutaes conselhos.

— Quando fôrmos grandes, dizia Agenor, eu virei morar aqui e farei o serviço de Roque que já está velho. — E eu dizia Aurea tomarei conta dos trabalhos da casa, ajudarei Cherubina em tudo. Oh! que vida feliz será então a nossa!... repetiam os tres ao mesmo tempo.

Anezia silenciosa os seguia com um olhar de intraduzivel affecto, tendo nos labios um sorriso de intima satisfação, ao ouvir estas ingenuas promessas, que estava longe de suppor realisaveis.

Os escravos, no meio do seu labutar incessante, escutavam boquiabertos, ás crianças, acompanhando com os olhos repletos da affectuosa ternura, todos os seus graciosos movimentos.

Assim se succediam os dias sem que nada alterasse a doce paz de que gosavam. Jorge d'Oliveira sempre que via Cherubina fazia notar á sua esposa a grande semelhança que esta tinha com uma sua irmã, casada ha muito tempo,

e que fora para o norte de Minas. Tendo-se casado contra a vontade da familia, retirara-se bem distante, de modo que ninguem mais soube o que foi feito d'ella.

Jorge tendo interrogado Anezia sobre a sua pupilla, veio ao conhecimento de que a mulher a quem os paes de Anezia assistiram os ultimos momentos, era sua irmã, e por conseguinte a gentil Cherubina sua sobrinha.

Esta noticia ainda veio mais augmentar a sua estima por Anezia e sua sobrinha. Desde então tratou logo do futuro de Cherubina e conseguiu uma pensão para sua manutenção e de Anezia, visto que os escravos já idosos bem poucos serviços lhes podiam proporcionar.

Assim viu a boa e virtuosa Anezia recompensada a bella obra de caridade que havia praticado, encontrando na amizade e beneficencia de Jorge, um meio seguro para a sua velhice, ao passo que a gentil menina enchia de alegria os seus dias, com o affecto immenso que lhe consagrava e com o suave encanto das suas raras virtudes. Agenor e Aurea, como de costume, vinham todos os dias ao sitio do *Laranjal*, e agora ainda mais se dedicaram á sua formosa prima.

— Quando eu crescer, dizia Agenor, a minha querida prima Cherubina hade ser minha esposa.

A menina sorria-se apenas, e pensava com certa tristeza, que essa esperanza jamais se realisaria, não só porque por um secreto instincto conhecia a ambição de seu tio, como porque estava resolvida a nunca abandonar aquella a quem tudo devia. Entretanto ella não se tinha enganado. Logo que Agenor completou os seus 14 annos, Jorge começou a fazer vêr á sua mulher que era preciso mandar os seus filhos para a Corte, afim de se educarem e desenvolverem-se nos habitos da cidade, e que de modo algum convinha deixal-os mais tempo n'aquella existencia de semi-selvagens.

E Itelvina aprovou as intenções de seu marido, mas com condição de irem residir no Rio de Janeiro até completar-se a educação dos seus filhos. Essa noticia como era de suppor,

causou a todos os moradores do sitio de Anezia a mais viva tristesa.

« Não será por muito tempo a nossa ausencia, diziam as crianças abraçando as suas boas amigas. Papae disse que todos os annos voltaremos por occasião das férias, e então seremos todos felizes, sim muito felizes! »

Isto diziam apenas para os consolar visto que sentiam interiormente a mesma magôa que as pungia.

(Continúa)

ANALIA FRANCO.

NOTAS UTEIS

Assombra o que o mundo civilisado está operando, não só á bem da instrucção elemental, mas tambem em relação a todos os grãos de ensino, auxiliando eficazmente o elemento official, e demonstrando a summa importancia a que a opinião publica de cada paiz eleva a questão fundamental do progresso. Sociedades sobre sociedades, congressos sobre congressos, ligas sobre ligas, exposições sobre exposições para os centenares de ramos de assumpto monumental, tem lançado as mais productivas sementes na immensa vastidão da humanidade.

* * *

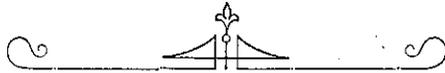
Em Inglaterra, só o rendimento da iniciativa dos cidadãos para o derramamento da instrucção passa de doze mil contos de reis!

* * *

Na Allemanha os legados individuaes a favor das associações de ensino, são de centenas de contos de reis.

* * *

Na Italia depois de defrontarmos com a Sociedade Nacional, ramificada pelas provincias, curvemo-nos com suprema admiração diante do instituto fundado por D. Bosco, ministrando a educação moral e profissional de todas as industrias e artes, a vinte mil orphãos.



Esta Revista que se publica uma vez em cada
mez, será distribuida gratuitamente a todas as es-
colas publicas do sexo feminino deste Estado.

